

O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE VITÓRIA: INFLUÊNCIA DA GRANDE INDÚSTRIA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO VERTICALIZADO

Rafael Gonring¹
Rachel Facundo Vasconcelos de Oliveira²

RESUMO

O presente estudo busca compreender como a crise da cafeicultura no estado do Espírito Santo modificou a capital Vitória, que de uma cidade comercial-exportadora ligada à comercialização do café, transformou-se em uma cidade metropolitana influenciada pela atividade industrial, o que acabou estimulando o seu processo de urbanização. Deste modo, a intenção deste estudo foi mostrar como essa mudança no perfil econômico atraiu a expansão da cidade rumo à sua porção continental. O recorte temporal compreende o período de 1930 a 2020, no qual se identifica o resultado das modificações ocorridas na Capital. Neste período, analisa-se, por meio da perspectiva da Geografia Histórica, a evolução dos fatos e como Vitória foi sendo produzida neste contexto. A pesquisa se desenvolveu tendo por base a Economia Política da Cidade, na perspectiva de Santos (2012), e utilizando como referências outros estudos como: Rocha e Morandi (1991) sobre periodização das transformações socioespaciais do Estado do Espírito Santo de 1955 a 1985, entre outros autores. Utilizamos também informações de variadas publicações científicas, além daquelas encontradas em *web sites*. Como resultado, conclui-se que o advento dos Grandes Projetos da Indústria estimularam as iniciativas da construção civil imobiliária na capital capixaba por meio do processo de verticalização das edificações, o qual impulsionou o crescimento da cidade partindo da antiga área central ao sul da ilha, produzindo o espaço urbano a leste-nordeste (região do Novo Arrabalde) até atingir a porção norte continental, onde estabeleceu diferenças socioespaciais marcantes na capital capixaba.

Palavras-chave: Verticalização, Cidade, Vitória, Transformações Urbanas.

RESUMEN

El presente estudio busca comprender cómo la crisis cafetalera en el estado de Espírito Santo transformó la capital Vitória, que pasó de ser una ciudad comercial-exportadora vinculada a la comercialización del café, a convertirse en una ciudad metropolitana influenciada por la actividad industrial, que terminó estimulando su proceso de urbanización. Por lo tanto, la intención de este estudio fue mostrar cómo este cambio en el perfil económico atrajo la expansión de la ciudad hacia su porción continental. El marco temporal abarca el período de 1930 a 2020, en el que se identifican los resultados de los cambios ocurridos en la Capital. Durante este período, analizamos, a través de la perspectiva de la Geografía Histórica, la evolución de los hechos y cómo se produjo Vitória en ese contexto. La investigación se desarrolló con base en la Economía Política de la Ciudad, desde la perspectiva de Santos

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - ES, rafaelGonring@hotmail.com

² Coautor Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - ES, rachel.oliveira@edu.ufes.br. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes)- edital PROCAP 10/2020.

O presente trabalho foi apresentado com auxílio de ajuda de custo concedida pelo Programa de apoio à Pós-Graduação (PROAP/CAPES) e pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da UFES.

(2012), utilizando como referentes outros estudos como: Rocha y Morandi (1991) sobre la periodización de las transformaciones socioespaciales en el Estado de Espírito. Santo de 1955 a 1985, entre otros autores. También utilizamos información de diversas publicaciones científicas, además de las que se encuentran en sitios web. Como resultado, se concluye que la llegada de los Grandes Proyectos Industriales estimuló iniciativas de construcción inmobiliaria en la capital de Espírito Santo a través del proceso de verticalización de las edificaciones, lo que impulsó el crecimiento de la ciudad a partir de la antigua zona central hacia el sur de la isla. , produciendo espacio urbano hacia el este-noreste (región de Novo Arrabalde) hasta llegar a la porción norte continental, donde estableció marcadas diferencias socioespaciales en la capital de Espírito Santo.

Palabras clave: Verticalización, Ciudad, Vitória, Transformaciones Urbanas.

ABSTRACT

The present study seeks to understand how the coffee farming crisis in the state of Espírito Santo changed the capital Vitória, which went from being a commercial-exporting city linked to the commercialization of coffee, to becoming a metropolitan city influenced by industrial activity, which ended up stimulating its urbanization process. Therefore, the intention of this study was to show how this change in the economic profile attracted the expansion of the city towards its continental portion. The time frame covers the period from 1930 to 2020, in which the results of the changes that occurred in the Capital are identified. During this period, we analyze, through the perspective of Historical Geography, the evolution of facts and how Vitória was produced in this context. The research was developed based on the Political Economy of the City, from the perspective of Santos (2012), and using as references other studies such as: Rocha and Morandi (1991) on the periodization of socio-spatial transformations in the State of Espírito Santo from 1955 to 1985, among other authors. We also use information from various scientific publications, in addition to those found on websites. As a result, it is concluded that the advent of Major Industry Projects stimulated real estate construction initiatives in the capital of Espírito Santo through the process of verticalization of buildings, which boosted the city's growth starting from the old central area to the south of the island, producing urban space to the east-northeast (Novo Arrabalde region) until reaching the northern continental portion, where it established striking socio-spatial differences in the capital of Espírito Santo.

Keywords: Verticalization, City, Vitória, Urban Transformations.

INTRODUÇÃO

O intuito desta pesquisa é demonstrar como a crise do cultivo do café e a sua erradicação – entre 1962 a 1967 – no estado do Espírito Santo (Siqueira, 2001) foi responsável pela mudança no perfil da cidade de Vitória, que se transformou de uma cidade comercial-exportadora ligada à comercialização do café para uma cidade metropolitana influenciada pela atividade industrial voltada para a exportação. Objetiva-se também mostrar como a grande indústria que se desenvolveu ao norte da capital Vitória ocasionou o espraiamento da cidade rumo à sua zona continental a partir da verticalização das edificações.

Entendemos que a capital capixaba se desenvolveu com base nos seguintes direcionamentos: o início do processo de urbanização relacionado às atividades industriais e

de prestação de serviços; o desenvolvimento do município ligado aos setores da construção civil imobiliária, que produziu uma nova cidade na porção norte do município, através do uso intensivo do solo no processo de verticalização das construções.

Assim, pode-se afirmar que o Espírito Santo passou por um processo de transformação em sua estrutura produtiva, o qual foi acompanhado por uma crescente urbanização que culminou na modificação do perfil econômico da capital e das cidades de seu entorno, que atualmente formam a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Para uma melhor compreensão de tal processo torna-se importante entender como ocorreu a participação do estado Espírito Santo no contexto da economia nacional no recorte temporal que vai de 1930 até 2020, e como isso influenciou as transformações na capital capixaba.

METODOLOGIA

Entendemos que um estudo científico precisa abordar conceitos que são relações entre o “universal” (a generalização) e o “particular” (a especificidade), isto é, uma compreensão do conceito enquanto um recolhimento geral de realidades específicas. E, nesse ponto, a adaptação da metodologia a ser utilizada pode ser fator crucial na execução do estudo, uma vez que os fatos pretéritos são investigados como forma de compreender o cenário do presente. Caminhamos, portanto, para uma utilização associada no âmbito da pesquisa científica: o método histórico e a pesquisa bibliográfica.

O estudo foi elaborado por meio do levantamento de referências teóricas já pesquisadas e publicadas, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites* e conteúdo de jornais e revistas. Realizou-se a pesquisa bibliográfica para efetuar um resgate do processo de transição da economia agrário-exportadora para a economia urbano-industrial e seus desdobramentos no Espírito Santo.

Nesse sentido, houve acesso a importantes autores capixabas e os seus respectivos estudos que permeiam o presente artigo, como Siqueira (1994) e (2001), sobre a dinâmica de produção capixaba, Rocha e Morandi (1991), sobre a importância cafeeira para o Espírito Santo, e Bittencourt (1987) sobre o processo de industrialização do Espírito Santo durante o período de 1535 a 1980, além de outros autores que apresentam as transformações ocorridas no estado devido às estratégias políticas adotadas ao longo das décadas tanto para as permanências quanto para as resistências em relação ao desenvolvimento ou a estagnação da economia do estado.



A principal referência em relação à metodologia se baseia no entendimento da economia política pela ótica de Milton Santos, cujas ideias de estudo do espaço urbano mostraram-se adequadas à proposta da pesquisa, em especial por apontar o “espaço construído” como uma das importantes categorias de análise para estudos urbanos. Tal alternativa, considerada condizente com os objetivos do trabalho, serviu como orientação para o processo de investigação.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo do espaço urbano pode ser realizado por meio da economia política, como sugere Santos (2012), ao analisar que uma cidade pode ser compreendida a partir da sua produção, das suas condições de realização e das suas condições diversas. Dessa maneira, a contribuição da economia política pode ser de grande importância para aos estudos geográficos, principalmente por considerar a dimensão espacial no âmbito da análise, como podemos notar na citação a seguir:

A economia política não pode prescindir do dado espacial. O espaço pode ser definido como o resultado de uma interação permanente entre, de um lado o trabalho acumulado, na forma de infraestruturas e máquinas que se superpõem à natureza e, de outro lado, o trabalho presente, distribuído sobre essas formas provenientes do passado. O *trabalho morto*, sobre o qual se exerce o *trabalho vivo*, é a configuração geográfica e os dois, juntos, constituem, exatamente, o espaço geográfico (Santos, 2012, p. 111).

Entendemos que, para além de quaisquer impactos característicos da produção do espaço urbano, as “condições de realização” e as “condições diversas” da cidade admitem tanto a industrialização quanto a verticalização de edificações como partes importantes do crescimento desse sistema, uma vez que ambas refletem, respectivamente, a transformação da estrutura produtiva da cidade e o processo de apropriação capitalista do uso do solo. Portanto, ao se estudar a cidade, por extensão, estuda-se também a industrialização e a verticalização intrínsecas ao seu processo de modernização.

O crescimento do espaço geográfico da cidade está relacionado ao fenômeno da urbanização, que por sua vez influencia toda a dinâmica existente no território. Santos (2012) realiza uma reflexão sobre a produção global que ocorre na cidade e deve ser feita considerando uma visão mais abrangente, a *Economia Política* e, numa escala regional, a *Economia Política da Cidade* como importante ramificação desse conceito, como mostra a citação a seguir:

Quanto mais os territórios são cortados por estradas, tanto mais a produção e os homens se concentram em poucos lugares. A cidade é um grande meio de produção material e imaterial, lugar de consumo, nó de comunicação. Por isso, o entendimento do processo global de produção não se contenta com a mera economia política, nem se basta com a Economia Política da Urbanização, exigindo uma Economia Política da Cidade. Uma coisa é a economia política da urbanização, que levaria em conta uma divisão social do trabalho, que dá, com a divisão territorial do trabalho, a repartição dos instrumentos de trabalho, do emprego e dos homens na superfície de um país. A economia política da cidade seria outra coisa diferente, porque seria a forma como a cidade, ela própria, se organiza, em face da produção e como os diversos atores da vida urbana encontram seu lugar, em cada momento, dentro da cidade (Santos, 2012, p. 114).

Nesse momento, faz-se necessário um alerta especial acerca de alguns pontos: “organização da cidade em face da produção”; “atuação de diversos atores da vida urbana”. Como conceber tais manifestações sociais sem considerar para as cidades modernas fenômenos como a industrialização e a verticalização? Ambas estão diretamente relacionadas à dinâmica urbana moderna, envolvendo grandes contingentes populacionais, impactos econômicos diretos e, claro, transformações espaciais que performam-se na própria produção do espaço geográfico.

Santos (2012) afirma que a economia política constitui o mais apropriado método para o estudo da urbanização, uma vez que o espaço produtivo propriamente dito é cada vez mais a cidade, onde as quantidades produzidas e as populações humanas mais se concentram, além da concentração das novas condições de tecnologia, das ciências e da organização (Santos, 2012).

Desta forma, podemos compreender a condição de elevação da economia política a um patamar de grande importância para o entendimento da dinâmica atual do espaço urbano e, conseqüentemente, da manifestação dos fenômenos da industrialização e da verticalização dentro dele. E, sob essa perspectiva, assumimos como quadro teórico geral a *Economia Política da Cidade*, uma vez que acreditamos que os pressupostos enunciados por Santos atendem de maneira adequada à pesquisa sobre o desenvolvimento da cidade de Vitória relacionado à grande indústria e ao espaço verticalizado:

Uma *economia política da cidade* deve associar os conhecimentos dos efeitos da divisão do trabalho sobre as condições locais do mercado – tomado em todos os seus aspectos – de modo a permitir a compreensão do que significam o espaço construído e suas características, como dados concretos da realização social e econômica e, também, como uma realidade em transformação (Santos 2012, p. 123).

Partindo da perspectiva da Economia Política da Cidade, o estudo do espaço construído de Vitória enfoca a produção do espaço realizada no período histórico destacado para a pesquisa. Trata-se de considerar as estratégias dos atores sociais envolvidos no processo de desenvolvimento urbano que, de forma direta ou indireta, causaram impactos à cidade, tanto em relação ao espaço geográfico quanto no que diz respeito às funções urbanas nele existentes, bem como os processos de industrialização e de verticalização que atuaram como fatores dinamizadores e, ao mesmo tempo, como reflexos dessa realidade.

Em termos de metodologia para o estudo do espaço urbano, Santos (2012) oferece várias categorias de análise na esfera da Economia Política da Cidade. Dentre elas, está o “meio ambiente construído”, que surge como alternativa apropriada à proposta deste estudo, pois permite a investigação sobre o desenrolar das questões relativas aos processos de industrialização e verticalização e suas implicações socioespaciais junto ao crescimento da cidade de Vitória.

Santos (2012) afirma que para se validar uma análise urbana deve-se buscar apoio em categorias que levem em conta, ao mesmo tempo, a generalidade das situações e a especificidade do caso que se deseja estudar. Para o autor, em uma mesma formação social, o princípio da diferenciação dos lugares surge principalmente pela força da inércia representada pelas heranças do passado, começando pelo espaço construído, que é um dado local.

De acordo com Abreu (2000), se as categorias de análise da Geografia forem verdadeiramente universais, assim como servem para o estudo da atualidade, também servirão para desvendar o que ele chama de “presentes do passado”, sendo o método a única diferença, uma vez que o estudo do passado exige a adoção de certas regras metodológicas que não são obrigatórias quando se analisa o presente. Por fim, em sequência, o autor aborda o método da Geografia Histórica, indagando se, na verdade, não se trataria do método da Geografia na totalidade, uma vez que, com exceção da pesquisa direta em campo, as demais etapas do método seriam as mesmas, além das dificuldades de apreensão total do passado, que seriam também contemporâneas

A impossibilidade de compreensão global não deve impedir, entretanto, que nos aproximemos dessas realidades de outrora e que tentemos analisar seus vestígios. Esses vestígios estão, em grande parte, materializados em documentos que precisam ser criticamente avaliados, relativizados, contextualizados (ABREU, 2000, p.24).

Em nosso entendimento, essa constatação abre interessante perspectiva para a abordagem metodológica do presente estudo, pois não só reforça a interdependência entre Geografia e História na investigação da produção do espaço urbano, como também se mostra

fundamental no entendimento de elementos e inter-relações que se arrastam do passado para ter a sua culminância no presente.

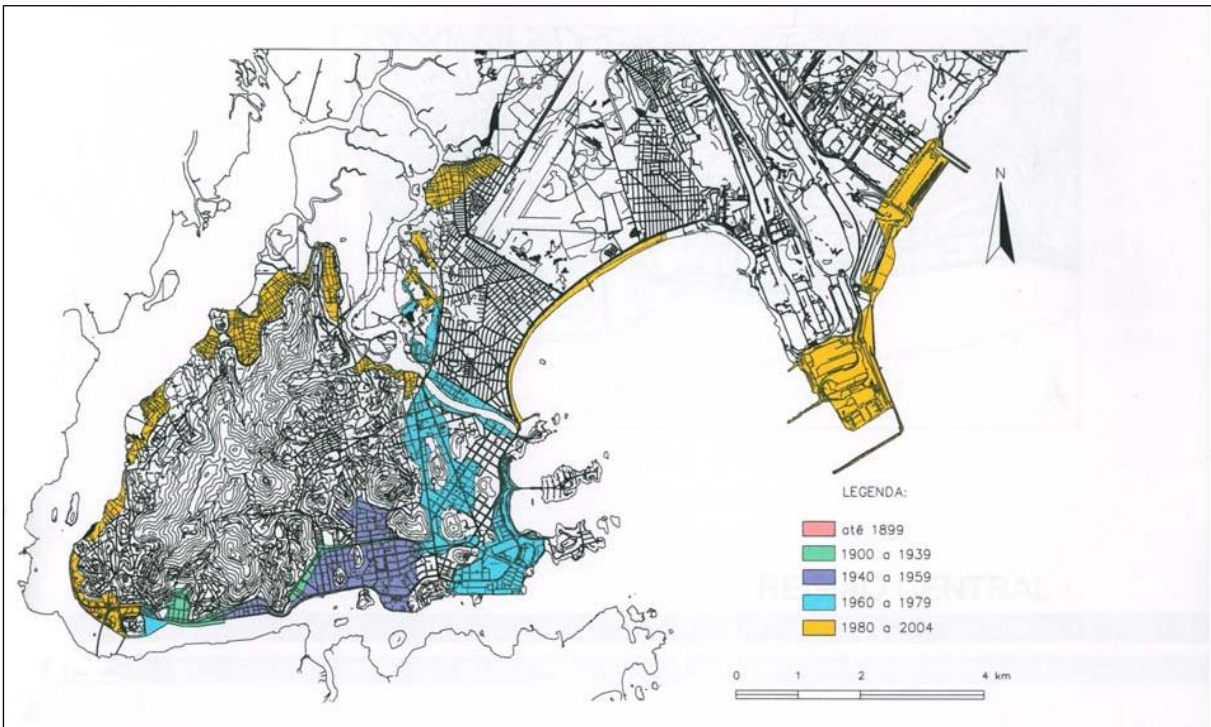
Realizando uma breve periodização do processo de verticalização, podemos fazer a seguinte averiguação: a partir das décadas de 1930 a 1940, o governo brasileiro passou a priorizar o desenvolvimento de um mercado interno, adotando uma estratégia na qual a industrialização aparece como o principal instrumento dessa política. Tal estratégia gerou mudanças na estrutura econômica brasileira, alterando significativamente o nível de desenvolvimento de algumas regiões do Brasil, enquanto outras – como o Estado do Espírito Santo – permaneceram com suas antigas características, isto é, mantendo a agricultura como o principal setor dinâmico da produção (Siqueira, 1994).

No entanto, a década de 1950 revelou-se um período instável para o desenvolvimento econômico capixaba, especialmente em relação às oscilações nos preços do café, que interferiram na dinâmica comercial do estado. De acordo com Rocha e Morandi (1991) em seu trabalho “Cafeicultura e grande indústria: a transição no Espírito Santo 1955-1985” (p. 30), a década de 1950 teria apresentado as duas faces do ciclo econômico: expansão e retração da atividade cafeeira. Segundo os autores, a fase da expansão da atividade cafeeira ocorreu durante a primeira metade da década, quando houve ascensão dos preços do café (Rocha; Morandi, 1991, p.30).

A década de 1960, por sua vez, foi marcada pela crise no setor cafeeiro nacional. Nesse período, a situação do Espírito Santo era ainda mais delicada por se tratar de uma economia baseada quase que totalmente na produção e comercialização deste produto. Por isso, o impacto do programa de erradicação dos cafezais em território capixaba foi o maior (Rocha; Morandi, 1991).

No início da década de 1970, durante o governo de Arthur Carlos Gerhardt Santos, ocorreram transformações físicas importantes na cidade de Vitória, especialmente a partir de aterramentos. Uma dessas transformações se concretizou numa área conhecida à época como Região do Suá, sendo realizada pela Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento Urbano (COMDUSA). Toda a área de maré dessa região foi aterrada e surgiu a Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, concomitantemente à Enseada do Suá, área urbanizada contígua à Praia do Suá (Mattedi, 2002). A seguir temos a figura 1, com um cartograma sobre os principais aterros realizados em Vitória durante período de 1899 a 2004.

Figura 1- Principais aterros realizados em Vitória-ES de 1899 a 2004



Fonte: Marinato, 2004, p.63.

A década de 1980 trouxe perspectiva de mudanças para os bairros que compõem a região tradicionalmente conhecida como “Novo Arrabalde”, localizada a leste e nordeste da ilha de Vitória. A verticalização se intensificou a partir da segunda metade da década anterior, devido aos financiamentos concedidos através do Banco Nacional de Habitação (BNH), fato que aumentou a quantidade de construções por meio do acesso fácil a créditos, acelerando o ritmo das construções na região da Praia do Canto (Mendonça *et al.*, 2009).

O caso capixaba se insere no contexto nacional, pois o processo de verticalização ocorreu em todas as capitais brasileiras em ritmo acelerado, causando diversas mudanças nas paisagens urbanas, como o aumento das edificações próximo das áreas litorâneas, que ocasionou uma série de distúrbios socioespaciais. Entre esses problemas destaca-se a alteração do clima urbano, o bloqueio da circulação dos ventos, o sombreamento e as dificuldades relacionadas à especulação imobiliária do solo urbano, as quais geraram diversos processos de segregação residencial e manutenção da seletividade dos equipamentos urbanos (Spode *et al.*, 2021).

O município de Vitória, caracterizado com uma das menores capitais do país, com uma área de 93,38 km² (IBGE, 2022), passou por um processo de aceleração urbana muito grande, o qual foi intensificado devido a sua formação geomorfológica, que obrigou a se

priorizar a construção de muitas edificações verticais, sobretudo nas porções centrais da cidade, as quais foram modernizadas. Nessas áreas residia uma população com poder aquisitivo maior e uma melhor disposição dos serviços e equipamentos urbanos (Siqueira, 2001).

Outro aspecto a se considerar no processo de desenvolvimento da capital Vitória é que a cidade sempre foi constituída de espaços luminosos, locais de modernização, além de outros espaços opacos, os quais a modernização alcançou de maneira embrionária, além da existência de carências em diversos setores da sociedade nas últimas décadas (Santos, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

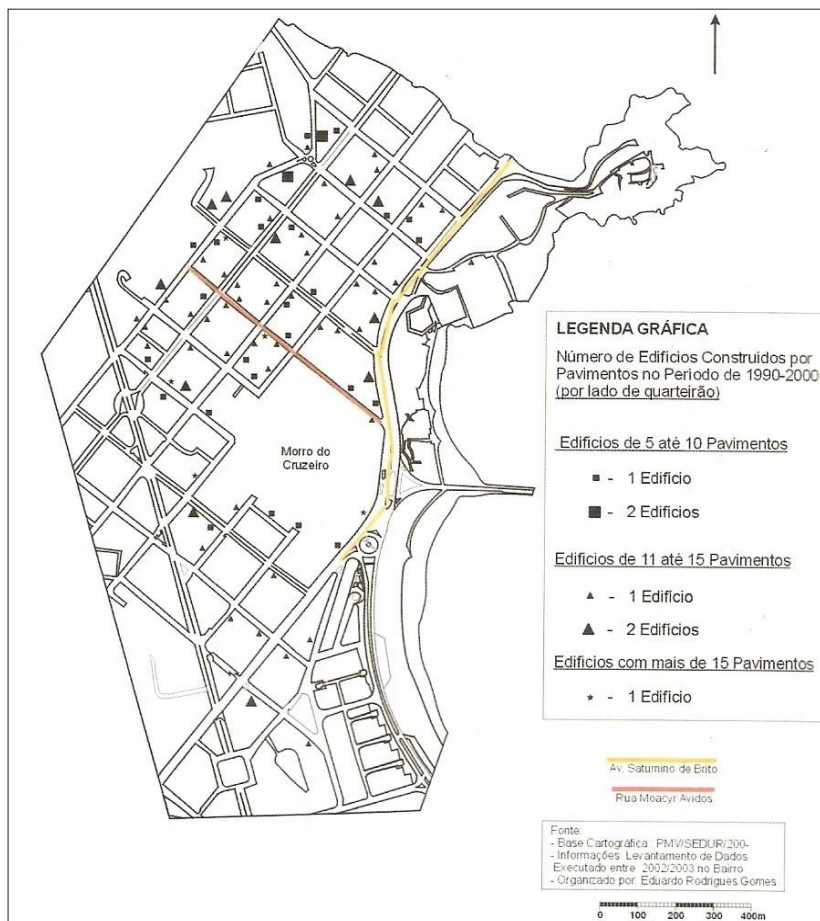
Segundo Mendonça (2007), os edifícios mais altos na cidade de Vitória estabeleceram-se na faixa entre vinte e vinte e cinco pavimentos e estão situados, em sua quase totalidade, no Centro. Com relação às elevações superiores a dezessete pavimentos, registra-se que as manifestações no Centro são anteriores a 1984, enquanto as situadas na Enseada do Suá, são posteriores a 1994, observando-se que entre estas datas, o limite máximo de elevação na cidade situa-se entre dezesseis pavimentos. Este fato contribuiu para a intensificação da verticalização da cidade, partindo da antiga centralidade para a nova centralidade.

O processo de verticalização das construções que foi se desenvolvendo em direção à porção leste-nordeste da ilha, especialmente na região que compreende atualmente os bairros Enseada do Suá e Praia do Canto, ocorreu sob a influência de um mercado imobiliário já plenamente formado na capital, diferentemente daquele ocorrido no Centro da Cidade. Este processo de verticalização continuou se expandindo em direção à porção norte do município e se constituiu no fator acelerador da urbanização dessa parte da cidade, destacando-se pela velocidade com que as transformações espaciais passaram a marcar a paisagem por meio de edificações com maior gabarito, ou seja, com maior número de pavimentos. Para tanto, a geração de infraestrutura por parte do poder público foi de suma importância para a urbanização da região (Mendonça, *et al.*, 2009).

A mudança de perfil dos bairros do Novo Arrabalde foi, na realidade, uma consequência do dinamismo econômico crescente dessa região no decorrer da década de 1980 e, mais intensamente, durante a década de 1990. Tal desenvolvimento também se materializou no espaço geográfico, sendo representado não só pelo aumento da quantidade de edifícios, mas principalmente pelas funções delegadas a muitos deles, as quais vão além daquelas ligadas à dinâmica do setor terciário.

De qualquer maneira, considerando o processo de verticalização em escala metropolitana, através da análise da construção de edifícios residenciais e edifícios comerciais com mais de cinco pavimentos no período entre 1990 e 2000, verifica-se que foram nos bairros do litoral leste de Vitória, em especial na Praia do Canto (porção insular) e Jardim Camburi (porção continental), que se concentraram os mais altos índices de verticalização na Grande Vitória. Em contrapartida, verifica-se o desempenho irrisório do Centro da Cidade (porção insular ao sul da ilha) em relação à produção de edifícios verticalizados neste mesmo período, confirmando a tendência de abandono da antiga área central por parte do mercado imobiliário (Mendonça, *et al.*, 2009). Como indicativo para verificar melhor esse cenário temos a figura 2, a qual constitui um mapa sobre a distribuição espacial do processo de verticalização no bairro praia do Canto no período de 1990 a 2000.

Figura 2- Distribuição espacial da verticalização na Praia do Canto - 1990 a 2000



Fonte: Gomes, 2009, p. 110.

Mesmo após o final da década de 1990 as ações relacionadas ao processo de verticalização das construções continuaram seu percurso em direção às áreas da porção

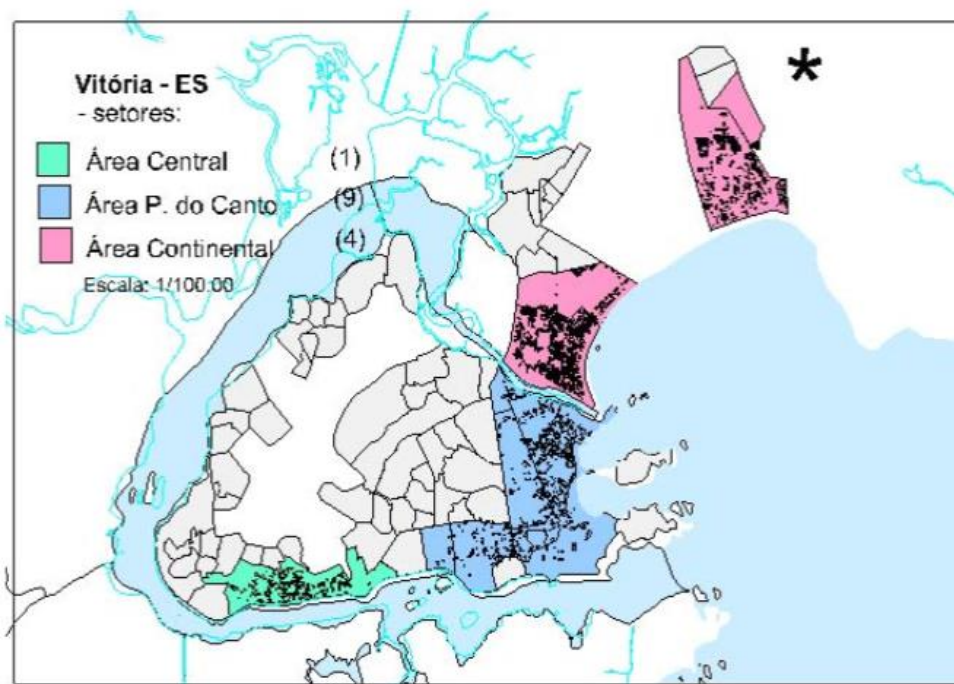


litorânea, leste da cidade, ou em direção àquelas ainda não plenamente ocupadas, mas com potencial para verticalização e legislação favorável a este processo.

Mendonça (2007) discorre sobre a existência de um certo sentido de continuidade do processo de verticalização que acompanha o litoral e as rotas mais proeminentes na estrutura de tráfego local e intermunicipal. As áreas de maior interesse parecem ligadas ao Centro, discretamente isolado, e às regiões balneares e seu entorno, com grande destaque para a área de Jardim Camburi, devido à extensa área aeroportuária. Nesse contexto, destacam-se também os bairros Centro, Praia do Canto, Praia do Suá, Enseada do Suá, Jardim da Penha e Mata da Praia.

A ausência de edifícios altos em outras áreas da cidade demonstra a desinteresse do mercado imobiliário nessas localizações devido a diversos fatores, dentre os quais estão a próprio fenômeno da especulação imobiliária e a irregularidade dos terrenos localizados nos morros. Abaixo, visualiza-se um mapa que compreende os bairros que no início dos anos 2000 já apresentavam edificações verticais consideráveis. A Figura 3 mostra este panorama, relacionado às construções realizadas nos bairros com maior verticalização na capital capixaba no início dos anos 2000:

Figura 3 - Edifícios em bairros com verticalização significativa em Vitória-ES em 2007



Fonte: Mendonça, 2007, p.16.

O período entre os anos 2000 a 2020 foi marcado pelo crescimento industrial no Espírito Santo, em especial por meio da terceirização a partir da década de 2000, com base em uma forma de contratação bastante utilizada pelas empresas brasileiras após a abertura comercial. Esses processos acabaram sendo predominantes principalmente nas áreas de construção de máquinas e equipamentos, de construção e instalação de estruturas metálicas, entre outras (Iglesias, 2010).

Na década de 2010 houve uma queda da indústria de transformação, que perdeu em torno de 16,8% do seu Valor Acrescentado Bruto (VAB), principalmente na indústria de transformação. Entretanto, desde 2016 a indústria de transformação do Espírito Santo voltou a crescer, e essa retomada é explicada pela paralisação da planta industrial da *Samarco 9* e, também, pela redução na produção de petróleo e gás natural pelo estado a partir de 2015, fazendo com que a indústria de transformação voltasse a crescer mesmo em um período de crise conjuntural nacional (Duarte, Mozer, 2020).

O mercado de trabalho industrial capixaba, entre 2010 e 2020, foi marcado pelo estoque de empregados em áreas de média-baixa e média intensidade tecnológica (Duarte, Mozer, 2020). Outras áreas fizeram com que a capital Vitória se tornasse atrativa com a criação de postos de trabalho na área de tecnologia, além do aumento do comércio de *commodities* internacionais (Duarte, Mozer, 2020). Em consequência desse desenvolvimento, a cidade de Vitória cresceu mais a partir da atuação da construção civil, a qual ampliou a produção de prédios principalmente em áreas planas e próximas ao mar, como os atuais bairros Enseada do Suá, Mata da Praia e Jardim Camburi, correspondendo a um dos metros quadrados mais caros do país (Amaral, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que a crise da cafeicultura e a erradicação do produto no estado do Espírito Santo contribuiu para a mudança do perfil da cidade, o qual antes era comercial-exportador e, devido ao intenso processo de urbanização relacionado à industrialização, impactou nas mudanças das edificações da cidade a partir da verticalização, causando transformações físicas na capital capixaba e a expansão do seu território insular, o que resultou no espraiamento da cidade rumo à sua porção continental.

Deste modo, nota-se que a expansão territorial de Vitória, bem como as modificações no espaço geográfico da cidade – em especial a partir da segunda metade do século XX e nas primeiras duas décadas do século atual – são fruto de uma teia intrincada de transformações

que remetem ao fator de atração do processo de industrialização – capitaneado pelos Grandes Projetos Industriais – e, em especial, pelos impactos da produção do espaço verticalizado no período em estudo, que tendem a se consolidar ainda mais no futuro.

A construção civil imobiliária impulsionou o processo de verticalização e, abandonando a antiga área central ao sul da ilha de Vitória, foi produzindo o espaço urbano a leste-nordeste, correspondente a bairros como a Enseada do Suá e a Praia do Canto (região do Novo Arrabalde). Nessa expansão urbana, nota-se claramente como a verticalização produziu a diferença no espaço geográfico ao se apropriar das características naturais locais. Por sua vez, paralelamente à influência da industrialização e da iniciativa privada, a verticalização ocorrida na área continental de Vitória revelou a participação importante do poder público municipal no próprio crescimento da região, mediante obras de infraestrutura e em relação às iniciativas ligadas à habitação.

Todas as transformações no espaço geográfico de Vitória nas últimas décadas ocorreram pelo fato da verticalização ser, em realidade, o fenômeno que reflete uma nova forma que a construção imobiliária encontrou para se reproduzir e se fortalecer, contribuindo para o desenvolvimento da cidade e a consolidação de sua importância em relação à região metropolitana capixaba.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. **Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária no século XVII**. GEOUSP, São Paulo, n. 7, p. 13-25, 2000.

AMARAL, A. Vitória é a terceira capital do país com o metro quadrado mais caro. **Es Brasil**, Vitória, 9 de set. 2022. Seção Economia. Disponível em: < <https://esbrasil.com.br/vitoria-e-a-terceira-capital-do-pais-com-o-metro-quadrado-mais-caro/>>. Acesso em: 17 abr.2023.

BITTENCOURT, G. A. de M. **A formação econômica do Espírito Santo: o roteiro da industrialização do engenho às grandes indústrias (1535-1980)**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1987.

DUARTE, J. T.; MOZER, T. M. Evolução da Indústria do Espírito Santo: uma análise por intensidade tecnológica. **Estudo Especial nº 03/2020 Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo**. FINDES: Vitória, 2020, 30p. Disponível em:<https://portaldaindustriaes.com.br/system/repositories/files/000/000/905/original/Estudo_Especial_03_2020_Evolucao_na_industria.pdf?1609117297> Acesso em: 15 abr.2023.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.. **Cidades e Estados**. Vitória.Censo de 2022. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/vitoria/panorama> >. Acesso em: 30 set. 2023.



IGLESIAS, R. Análise dos grandes projetos de investimento no Espírito Santo. In: Espírito Santo: Instituições, desenvolvimento e inclusão social. **Instituto Jones dos Santos Neves**. Vitória, 2010. Disponível em: < https://issuu.com/ijsn/docs/ijsn_determinantes-crescimento> Acesso em: 15 abr.2023.

MATTEDI, J.C. **Praia do Suá**. Vitória, Secretaria Municipal de Cultura, 2002.

MENDONÇA, E. M. S. **(Trans)formação planejada de territórios urbanos em Vitória (ES): o bairro Camburi**. Dissertação de mestrado. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP), 1995.

MENDONÇA, E. M. S.. Evolução do Processo de Verticalização das Construções em Vitória (ES). In: ENCONTROS NACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL. 12., 2007. **Anais** [...]. Belém. GT3 – 54. V. 12 n. 1 2007, p. 1-20. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1192/1175>. Acesso em: 30 set. 2023.

MENDONÇA, E. M. S. *et al.* **Cidade prospectiva: o projeto de Saturnino de Brito para Vitória**. Vitória, EDUFES; São Paulo, Annablume, 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica, tempo, razão e emoção**. 4. Ed. 2. reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006.

SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. 2. Ed. São Paulo. Editora da USP, 2012.

SIQUEIRA, M. da P. S. **O Porto de Vitória – Expansão e modernização 1950-1993**. Vitória: CODESA, 1994.

SIQUEIRA, M. da P. S. **Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória (1950–1980)**. Vitória: DUFES, 2001.

SPODE, P et al. **A importância do processo de verticalização urbana para o ensino de Geografia**. Metodologias e Aprendizado, [S. l.], v. 4, p. 249–257, 2021. DOI: 10.21166/metapre.v4i.2243. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2243>. Acesso em: 30 set. 2023.

ROCHA, H. C. MORANDI, A. M. **Cafeicultura e grande indústria: a transição no Espírito Santo 1955-1985**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991